

DIVERSIDADE EM DEBATE

UM AXÉ A HOMOAFETIVIDADE O CASAMENTO HOMOAFETIVO NA UMBANDA

Prof. Msn. Rodrigo Lemos Soares*

Prof^a. Dr^a. Méri Rosane Santos da Silva**

Resumo

Reconhecer as práticas culturais dos sujeitos bem como respeitá-las, a partir de seus contextos e fundações implica diretamente em estabelecer vínculos com o desenvolvimento social e é nesse sentido que nos propomos a escrever sobre os ritos do casamento entre iguais.

Mar, pedra, mata e cachoeira: siuando o terreno...

A diversidade cultural, que demarca o Brasil como um país “multirracial” (FAVERO, 2010), também o configura como um grande campo de estudos sobre a temática acerca das multiplicidades comportamentais. No entanto, estes estudos emergem, em sua grande parte, dos problemas que envolvem as diferentes manifestações culturais e comportamentais dos povos que auxiliaram na formação do conceito exposto pela autora, em um jogo de disputa por respeito e poder. No sentido de problematizá-los, a matéria tem como finalidade expor as situações de diferenciação e estranhamento das práticas culturais e delas no foco o casamento entre iguais em Centros Espíritas de Umbanda (CEU), colocando-as frente ao debate, em uma tentativa de difundir esse estudo, aproximando-o de um discurso que envolva a importância desses signos à formação das identidades.

*Mestrando do PPG Educação em Ciências (FURG)

** Professora do IE e Doutora em Ciências do Movimento Humano/OCUCO – Observatório da Cultura Corporal - FURG)

Das amarras do navio ao congá: demarcando uma religião...

“O homem é incapaz de se aproximar intimamente de seu Deus quando traz ainda em si marcas da vida profana; inversamente, ele só pode retornar às suas ocupações usuais depois de santificado pelo rito” (DURKHEIM, 1996, p.326). Este pensamento do filósofo justifica um trajeto acerca de uma contextualização da Umbanda, manifestação ligada aos cultos religiosos afro-brasileiros, na qual as corporeidades e os fazeres sociais estão postos e exigem certo grau de afastamento do mundo material. Este pensamento repousa em estudos antropológicos, que segundo Concone (2010, p.51), “a religião pode ser vista como um sistema cultural que engloba todo um conjunto de símbolos e significados, onde são construídas relações de sentido para a vida”.

Para esta contextualização o estudo de Brasil (2012) explicita que a Umbanda carece de espaços de discussão e aprendizado sobre sua história, contextualização local e manifestações ritualísticas. Nesse sentido o casamento entre homoafetivos figura entre os demais dogmas dessa vertente. Também, Dominique Júlia (apud OLIVEIRA, 2009), afirma que “as mudanças religiosas só se explicam, se admitirmos que as mudanças sociais produzem, nos fiéis, modificações de ideias e de desejos tais que os obrigam a modificar as diversas partes de seu sistema religioso” (p. 106). E essas modificações estão presentes nas relações dos praticantes dessa religião.

Casamento na Umbanda é festa em nosso congá...

O casamento é conceituado como uma relação jurídica solene e formal. Então, isto quer dizer que tal ato deve ser sempre acompanhado de fórmulas ou formalidades, até mesmo porque segundo uma colaboradora, *"não há casamento sem cerimônia formal, ainda que variável quanto ao ritual seguido"*.

O casamento homoafetivo na umbanda tem sido mais uma manifestação das vontades sociais. Essa temática tem gerado inúmeras discussões, alicerçadas ora em defesas de ponto de vistas, ora embasadas nos discursos biológicos e, ainda, outras, defendidas apenas pelas crenças culturais e populares que se alicerçam exclusivamente na base doutrinária.

Vivenciamos ou estudamos um processo civilizatório marcado por lutas e heteronormatividade, nas quais a concessão do casamento foi posta para futura manutenção

social, ligada ao princípio da reprodução, passando também por escrituras sagradas do Cristianismo e, hoje, sendo aderida aos fazeres mitológicos da religião afro-brasileira, a Umbanda. O fato de essa vertente realizar o matrimônio entre iguais, além de vir na contramão de outras manifestações religiosas, confirma a arguição de Defendi (2010, p.17), quando argumenta que: *estudos sobre casamento, conjugalidade e família, apontam para muitas mudanças no casamento e na revisão de regras no relacionamento conjugal contemporâneo, bem como na adequação dessas novas regras às expectativas do próprio casal e de sua convivência social mais ampla.*

Ao utilizarmos essa passagem aponta-se algumas respostas ao trabalho, tendo em vista que a partir de narrativas notou-se que o rito do casamento envolve a possibilidade de legitimação de um relacionamento homoafetivo. A celebração nupcial consiste, geralmente, numa súplica, feita pelo presidente do Centro, ou por um espírito incorporado, pedindo assistência misericordiosa de Deus para o novo casal. Por isso, não há inconveniência alguma em celebrar casamentos espíritas com certa majestade estética, segundo a cultura e os hábitos dos noivos e os do meio em que se realizam.

Percebemos, através das visitas que na Umbanda, a representação da "benção do divino" para uma união, por si só o ato ali praticado, ou buscado, por fiéis, busca a legitimação desse casamento perante a sociedade, em uma tentativa de tirá-los da marginalidade ou subcondição de sujeitos não casáveis.

A Umbanda, pelo menos nos centros espíritas pesquisados, possui como prática possível à realização do casamento homoafetivo. Enquanto sacramento disponível a todos os fiéis independente do formato da união, essa vertente religiosa abençoa, segundo as leis que a regem, aos que a solicitam.



Marcos Colares (2005) expõe que, Vivemos em uma sociedade tecnológica, onde os costumes são alterados cibernética e televisivamente. A língua, a moda, os usos, tudo é objeto de criação e recriação midiática. Talvez,

Edgar Morin¹ nos ajude a entender esse tempo - tempo dos casais que não coabitam; dos filhos de relações distintas criados sob o mesmo teto; dos casais homossexuais que se assumem publicamente; das descobertas acerca do DNA e das transformações genéticas e estéticas. Tempo onde menos se fala em amor e mais vive experiências que só podem ter sentido a partir dele (p.4)

Pseudônimo de Edgar Nahoum, é um antropólogo, sociólogo e filósofo francês judeu de origem sefardita. Pesquisador emérito do CNRS. Formado em Direito, História e Geografia, realizou estudos em Filosofia, Sociologia e Epistemologia. Para mais, ver: <<http://www.edgarmorin.org.br/>>

Referências

BRASIL, Gabriel de Paula. Pensando o saber ancestral na umbanda: uma experiência de estágio em espaço não formal no centro de umbanda Reino da Mãe Oxum e do Pai Ogum. Cadernos do CEOM - Ano 24, n. 35 – Identidades. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/1125/582>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

COLARES, Marcos. Casamento & Casamentos. 2005. Disponível em: <<http://www1.jus.com.br/doutrina/lista.asp?assunto=50paginacasamentoocasamentos>> . In: <<http://www.direitovirtual.com.br/artigos.php?details=1&id=170>>. Acesso em 03 ago. 2012.

CONCONE. Maria Helena Villas Boas. A Umbanda nos romances espíritas kardecistas RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v. 4 , n. 3 , p. 51 - 62 , set., 2010 . Disponível em: <www.reciis.cict.fiocruz.br> Acesso em: 20 dez. 2012.

DEFENDI, Edson Luiz. Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais: um estudo de caso. 2010. 141f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

DURKHEIM, E. As Formas elementares da Vida Religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAVERO, Ivie. A Religião e as religiões africanas no Brasil. Texto utilizado no curso Presença Africano nas Matrizes Culturais Brasileiras, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Santos, através do site <https://www.egov.santos.sp.gov.br/ead/cursos/aplic/index.php?cod_curso=7> Acesso em: 22 ago. 2011.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. Entre a Macumba e o Espiritismo: uma análise do discurso dos intelectuais de umbanda durante o Estado Novo. CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 14, set. / 2009. p. 60-85. Disponível em: <[78http://www.cchla.ufpb.br/caos/n14/3Entre%20a%20macumba%20e%20o%20espiritismo.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/caos/n14/3Entre%20a%20macumba%20e%20o%20espiritismo.pdf)> Acesso em: 20 dez. 12.